

Metadiscursividade e memória: dentro das quatro linhas da instituição

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v52i3.3665>

Bruna Atalla¹

Resumo

Proponho-me a analisar, no campo da Linguística Aplicada, na perspectiva discursiva da Análise do Discurso Francesa, expressões metadiscursivas (Maingueneau, 1997, p. 93) em textos jornalísticos publicados no período correspondente ao anúncio da contratação de Cuca como técnico de futebol do Corinthians, até os dias seguintes a sua renúncia. A demissão remete a uma condenação, por violência sexual praticada em 1987. O objetivo do trabalho é mostrar como a metadiscursividade remete a relações interdiscursivas do que chamei instituição “futebol brasileiro” com a(s) jornalística(s), ambas as instituições forjadas a partir de um *território simbólico da realidade brasileira* (Duarte Júnior, 1984, p. 53). Os resultados indicam que entre os polos futebol-força e futebol-arte, a representação predominante do jogador brasileiro é a da arte.

Palavras-chave: metadiscurso; instituição, futebol-arte; representação legítima.

¹ Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil; bruna.atalla@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-0079-9177>

Metadiscursivity and memory: within the boundaries of the institution

Abstract

I propose to analyze, in the field of Applied Linguistics, in the discursive perspective of French Discourse Analysis, metadiscursive expressions (Maingueneau, 1997, p. 93) in journalistic texts published in the period corresponding to the announcement of Cuca's hiring as Corinthians soccer coach, until the days following his resignation. The dismissal refers to a conviction, for sexual violence in 1987. The objective of the work is to show how metadiscursivity refers to interdiscursive relations of what I called the institution "Brazilian soccer" with the journalistic, both institutions forged from a symbolic territory of the Brazilian reality (Duarte Júnior, 1984, p. 53). The results indicate that between the strength soccer and art soccer poles, the predominant representation of the Brazilian player is that of art.

Keywords: metadiscourse; institution, art soccer; legitimate representation.

Introdução

Em 1987, Alexi Stival, mais conhecido como Cuca, era jogador do Grêmio e, durante uma excursão do clube à Europa, foi detido com mais três companheiros, jogadores do clube: Eduardo Hamester, Henrique Etges e Fernando Castoldi. A acusação era de que eles haviam abusado sexualmente de Sandra Pfäffli, uma adolescente de 13 anos, num quarto de hotel em Berna, na Suíça. O quarteto ficou preso por 30 dias no país europeu e depois retornou ao Brasil.

Quando chegaram ao país, em 31 de agosto de 1987, o jornal *Zero Hora* assim relatou o episódio: "A torcida vibrou, cantou o hino do Grêmio, aplaudiu os jogadores e xingou a jovem suíça."²

Dois anos depois, Cuca, Eduardo e Henrique foram condenados a 15 meses de prisão por atentado ao pudor com uso de violência. Como o Brasil não extradita seus cidadãos, eles nunca cumpriram a pena. Cuca sempre se declarou inocente e alega que não se defendeu na justiça por não ter conhecimento do julgamento³.

2 O mencionado relato encontra-se disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2023/04/27/como-a-imprensa-cobriu-o-episodio-de-estupro-envolvendo-cuca-na-suica.htm>. Acesso em: 20 maio 2023.

3 Detalhes sobre a condenação do técnico encontram-se disponíveis em: <https://ge.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/2023/04/20/caso-cuca-entenda-a-condenacao-do-tecnico-por-estupro-na-suica.ghtml>. Acesso em: 20 maio 2023.

Nos anos seguintes à condenação, Cuca trilhou uma carreira de sucesso tanto como jogador de futebol, quanto como treinador, de forma que a condenação por estupro não fora um obstáculo em sua vida profissional. Houve um câmbio de cenário, no entanto. No dia 20 de abril de 2023, o treinador foi anunciado como novo técnico do Corinthians, porém sob fortes protestos de alguns setores da torcida corinthiana, do time de futebol feminino do Corinthians e de parte dos meios de comunicação, o técnico pediu demissão, no dia 27/04/2023, não completando nem seis dias no cargo.

A demissão, após a passagem relâmpago no clube, será aqui tratada, do ponto de vista histórico, como um *acontecimento* (Foucault, 2008, p. 29). A consecução de um *acontecimento* se efetiva, no entanto, pelo seu enquadramento a uma *série* histórica (Foucault, 2008, p. 9), momento em que, ao se inscrever na história, ganha uma configuração discursiva específica: uma determinada relação entre seus atores, a materialização que essa relação testemunha sobre a conclusão ou expectativa de realização de um projeto de desenvolvimento temático com um juízo de valor (a masculinidade do futebolista, sua virilidade, suas condições de artista ou de trabalhador na arte de jogar).

Em termos linguístico-discursivos, a efetivação do acontecimento pela sua inclusão em uma (dentre várias) *séries* históricas será tomada neste trabalho como correspondendo ao fato de que, em torno de um acontecimento, podem produzir-se um conjunto variado de textos. Na atualidade, não só na chamada mídia de referência, mas também nas redes sociais.

Neste trabalho, foram inicialmente reunidas seis reportagens, oito declarações, quatro *slogans*, seis tuítes de protesto e um episódio de *podcast* por serem gêneros marcados por intensa atividade metadiscursiva, fenômeno enunciativo que materializa um debate no interior do discurso. Desse conjunto, foram selecionados: uma reportagem, um tuíte e um episódio de *podcast*, escolha que obedeceu ao critério de representatividade em relação à atividade metadiscursiva. A partir dessa escolha, vislumbrou-se o objeto de análise: tomar o aspecto metadiscursivo desses textos como marcador da historicidade dos dizeres sobre a demissão do técnico. Em outras palavras, tomar essa atividade como um trabalho com *séries* (Foucault, 2008, p. 9), de modo que os textos analisados pudessem abarcar um arco histórico bem mais amplo do que o fato isolado da demissão de um técnico de uma equipe de futebol.

Com as noções de *acontecimento* (Foucault, 2008, p. 27) e de *série* (Foucault, 2008, p. 9) procuramos, portanto, uma primeira aproximação ao enquadramento histórico de sua recepção ainda como jogador em 1987 (ano de sua volta ao Brasil) e de sua demissão relâmpago em 2023, já então como técnico de futebol. Do ponto de vista discursivo propriamente dito, interessam-nos de perto os textos que circularam em torno da demissão do técnico, já que a inscrição histórica daqueles *acontecimentos* é incontornável nesses textos.

Ainda do ponto de vista discursivo, a característica comum desse conjunto de textos é a de apresentarem relações metadiscursivas, que, vistas em função do interdiscurso que materializam, põem em relação discursos identificados com o que chamamos de “instituição futebol” e sua relação com os meios de comunicação e, em alguns casos, com as mídias sociais.

Fundamentação teórico-metodológica

O tratamento midiático ao *acontecimento* (Foucault, 2008, p. 27) não tem como ponto de partida a violência, nem a referência explícita às instituições, mas a reposição de relações a partir da *memória discursiva*. Desse modo, a abordagem midiática estabelece relações entre um acontecimento do presente (a demissão) e outros presentificados nas relações metadiscursivas propostas nos textos.

Por esse viés, as noções teóricas exploradas a seguir estão inscritas no quadro da Análise do Discurso Francesa e são o eixo das análises e interpretações desenvolvidas a partir dos textos selecionados para este trabalho, a começar pelo conceito de *memória discursiva*, que não cabe especificamente no conceito de memória psicológica, nem no de memória de um fato histórico pontual.

A *memória discursiva* pressupõe uma espécie muito particular de “lembrança” de um enunciado inscrito na história, o qual, conforme Courtine (2009, p. 103), é a memória que “irrompe na atualidade do acontecimento”. A *memória discursiva* define-se, portanto, como um discurso que “irrompe” em forma de enunciado de forma imprevista em uma dada formulação. Considerar a *memória discursiva* implica, portanto, levar em conta que os enunciados retomam uma historicidade particular da qual participam instituições, como a escola, a mídia e, como aborda esta análise, o futebol no discurso midiático.

Nas expressões metadiscursivas analisadas no trabalho, explora-se esse encontro entre presente e passado, no reconhecimento de enunciados pertencentes a uma dada *formação discursiva*, sempre associada a uma memória discursiva.

O conceito de *formação discursiva* (Maingueneau, 2021, p. 35) corresponde a um conjunto de enunciados produzidos sócio-historicamente que se relacionam por terem em comum uma identidade enunciativa. Michel Pêcheux, que se apropriou desse termo foucaultiano (Foucault, 2008, p. 35), para circunscrevê-lo no que se denomina Escola Francesa de Análise do Discurso, define as formações discursivas como

[...] aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.) (Pêcheux, 2009, p. 317).

Uma vez associada a enunciados produzidos em uma dada conjuntura, a noção de *formação discursiva* implica sua relação com o *interdiscurso*. A compreensão da noção de interdiscurso requer considerar que todo discurso entra em relação com outro, estabelecendo entre si uma relação explícita ou implícita. Maingueneau (2006, p. 31) defende a tese do “primado do interdiscurso”, a partir da hipótese de que existe uma relação indissociável entre o “Mesmo do discurso e seu Outro”.

A onipresença do “Outro” no discurso caracteriza a permanente heterogeneidade dos discursos, na qual a presença do “Outro” pode ser implícita ou explícita, a depender da detecção de uma exterioridade na materialidade linguística do texto. Para diferenciar esses aspectos de explicitude da heterogeneidade discursiva, Authier-Revuz (1990) explora as concepções de *heterogeneidade mostrada* e *heterogeneidade constitutiva*.

A noção de *heterogeneidade constitutiva* (Authier-Revuz, 1990) baseia-se, em parte, na noção de *interdiscurso*, já que engloba as relações da atualidade de um discurso com um já-dito. É importante destacar que esse tipo de heterogeneidade não é explicitada pelo enunciador, cabendo ao enunciatário estabelecer relações com outras enunciações.

Na *heterogeneidade mostrada* (Authier-Revuz, 1990), por sua vez, a presença do outro é explicitamente marcada e pode ser destacada por meio de aspas, discurso direto ou glosas. Esses destaques indicam, por exemplo, a não-coincidência do enunciador com o que ele diz, a não-coincidência entre as palavras e as coisas, a não-coincidência das palavras com elas mesmas, a não-coincidência entre o enunciador e o enunciatário.

Dessa forma, estabelece-se uma negociação com a alteridade, o que, conforme Maingueneau (1997, p. 93), “pode resultar da *construção pelo locutor de níveis distintos no interior de seu próprio discurso*. Essa noção é bastante cara às análises empreendidas neste trabalho, visto que, frequentemente, a metadiscursividade aparece explicitada, por meio de aspas, por exemplo.

O *metadiscurso* (Maingueneau, 1997, p. 93) é uma das manifestações da heterogeneidade enunciativa. Ao mesmo tempo em que enuncia, o locutor avalia o seu próprio enunciado, tecendo comentários que, por vezes, confirmam o seu próprio dizer, por vezes solicitam a aprovação do interlocutor. Nesse sentido, o locutor constrói um enunciador atento ao seu próprio dizer e ao dizer dos outros.

Existem várias funções do metadiscurso (Maingueneau, 2007, p. 94), como autocorrigir-se, corrigir o outro, marcar a inadequação de certas palavras, reformular o propósito, evitar de antemão um erro de interpretação, entre outras formas. É justamente nessas intervenções no próprio dizer que foram observadas as relações interdiscursivas, isto é, como as formações discursivas evocam a memória discursiva.

A dimensão simbólica do futebol: a arte no futebol brasileiro

Em 17 de junho de 1937, Gilberto Freyre, colaborador assíduo dos *Diários Associados* publicava o artigo “Foot-ball Mulato”⁴, primeira vez em que se tem notícia sobre a aproximação entre o futebol e a arte. Em um dos parágrafos, Freyre descreve:

Os nossos passes, os nossos pitu’s⁵, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, o alguma coisa de dança e de capoeiragem que marca o estylo brasileiro de jogar foot-ball, que arredonda e adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para os psycólogos e os sociólogos o mulatismo flamboyant e ao mesmo tempo malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira no Brasil.

O excerto do artigo de Freyre é bastante representativo do que ele disserta em todo o texto: o jeito brasileiro de jogar futebol é criativo (“floreios”), surpreendente (“despistamentos”), belo (“alguma coisa de dança”) e malandro (“capoeiragem”). Essas peculiaridades, ademais, diferenciariam os brasileiros dos europeus, “arredondando” seu modo “quadrado” de jogar.

Essa perspectiva será então discutida na esfera simbólica, em especial no que tange à construção de uma identidade nacional permeada por esse futebol artístico. Nesse excerto de Freyre, “nossos passes”, “nossos pitus’s” e “nossos despistamentos”, o uso do pronome “nosso” remete à ideia de nacional, isto é, “do Brasil”. A ideia da construção de um símbolo nacional coincide com a conjuntura em que o artigo foi publicado, o Estado-Novo (1937-1945), de Getúlio Vargas.

Na ditadura de Vargas, houve um esforço político de valorização dos símbolos nacionais e o futebol se consolidou como mais um dos instrumentos da construção do nacionalismo, com destaque à participação brasileira na Copa do Mundo de 1938, que Getúlio logrou transformar em um elemento de identificação nacional e de orgulho patriótico. Em artigo, Negreiros (2017) transcreve textos de diversos veículos de imprensa que, à época, impingiam um tom ufanista e emocionado aos jogos de 1938. O trecho abaixo corresponde ao comentário do articulista d’*A Gazeta*, que assinava Eme-Eme, no período desse Mundial:

4 Disponível em: https://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2010/10/foot-ball-mulato-gilberto_freyre.pdf. Acesso em: 20 jun. 2020.

5 Segundo o *Dicionário de expressões populares da língua portuguesa*, de João Gomes da Silveira, “Dar um pitu” significa “Despistar alguém, se livrar de incômodo” (Silveira, 2010). No futebol, por extensão, é o drible que despista o adversário.

Milhões de brasileiros sofreram, mas com eles sofreram também milhares de estrangeiros. Italianos, portugueses, húngaros, espanhóis, e filhos de outros países se associaram aos nossos sentimentos patrióticos e nisso residiu o nosso maior conforto. Não apenas os brasileiros almejavam a vitória do Brasil sobre a Polônia, mas também os estrangeiros radicados no Brasil e que trabalham e colaboram pela nossa grandeza e nosso progresso (Negreiros, 2007).

O excerto apresenta uma progressão textual com figuras que, exaustivamente, remetem a elementos nacionais, reforçando o papel do futebol como síntese do triunfo brasileiro. A mitologia do futebol-arte nacional, então, inaugurada por Freyre, seria difundida por décadas até os anos de 1960, quando – segundo Lopes (1994) – começa a ser cotejada com um estilo diferente de jogar: o do “futebol-força”.

Ao analisar eventos das Copa do Mundo de 1970, Gil (1994, p. 109) explica que a perspectiva do futebol como arte começa a se modificar, em virtude do abalo sofrido com a derrota na Copa de 1966. O futebol europeu, que foi chamado “futebol-força”, passa a ganhar relevância, por representar um jogo tático, de resistência física e busca de resultado frente ao qual o futebol criativo, individual, de dribles e que lembrava uma dança já não seria suficiente para alçar o Brasil à posição de melhor futebol do mundo. O empenho na dialética entre a arte e a força teriam sido responsáveis, conforme Gil (1994, p. 105), pela vitória na Copa de 70. Apesar disso, segundo o mesmo autor, os meios de comunicação disseminavam a convicção nos talentos individuais e inatos como seriam os de Pelé.

Dessa mesma época, José Miguel Wisnick, em seu ensaio sobre o futebol brasileiro, a respeito dos debates sobre o futebol-arte e o futebol-força, recorda-se quando Paolo Pasolini, cineasta, poeta e escritor italiano, elaborou uma comparação que se tornou bastante conhecida, contribuindo para mais uma representação artística desse esporte: a comparação do futebol-força com a prosa e do futebol-arte com a poesia. Para Wisnick (2008, p. 8), tal analogia incluía uma interpretação de ordem prática dentro de campo:

Pasolini não falava de poesia no sentido vago e costumeiro de uma “aura” lírica qualquer a cercar o futebol. Também não estava projetando “conteúdos” narrativos para dentro do campo. Em vez disso, influenciado, e não sem humor, pela voga semiológica da época, identificava processos comuns aos campos da literatura e do futebol: pode-se dizer que via na prosa a vocação linear e finalista do futebol (ênfase defensiva, passes triangulados, contra-ataque, cruzamento e finalização), e na poesia a irrupção de eventos não lineares e imprevisíveis (criação de espaços vazios, corta-luzes, autonomia dos dribles, motivação atacante congênita). Sugeriu com isso, pela via estética, uma maneira de abordar o jogo por dentro, e nos dava, de quebra, uma chave original para tratar da singularidade do futebol brasileiro.

Fora das discussões literárias, porém, Wisnik (2008, p. 94) aponta que o longo período sem vitórias, entre 1974 e 1994, colocava novamente na pauta das discussões o dilema entre o futebol-arte e o futebol-força. O autor também considera que as vitórias da Alemanha, Argentina e Itália, nesse jejum, suscitavam as discussões de que se deveria colocar em prática o jogo coletivo, defensivo, fisicamente resistente e, principalmente, tático, isto é, o futebol-força. 1974 também é o ano em que João Havelange, dirigente esportivo brasileiro, torna-se presidente da Federação Internacional de Futebol Associação (FIFA) e o futebol passa por um processo de mudanças de organização e gestão, o que acarreta a crescente mercantilização do esporte.

Apesar desse debate que situa o futebol brasileiro na dimensão prática da força e de sua inexorável capitalização, a ideia da identificação do futebol brasileiro com a arte baseada no talento inato e individual de alguns jogadores nunca sai de campo e está sempre em jogo no imaginário nacional.

Isso também quer dizer que ainda haja movimentos sociais de resistência no interior das torcidas; ou que torcedores discutam sobre questões que envolvem a administração dos clubes, é o aspecto simbólico do extraordinário que perpassa a linguagem quando se fala de futebol ou de temas que envolvem seus protagonistas.

Um outro indicativo de que o futebol brasileiro sustenta sua representação em sua dimensão simbólica e não em sua dimensão prática é o fato de essa simbologia atravessar os discursos sem haver hoje um expoente de talento “inato” e individual que é conteúdo essencial desse retrato do “futebol-arte”.

Nesse contexto, é pertinente ampliar a discussão sobre o futebol, a partir de seu caráter simbólico. As instituições são criadas por indivíduos, que vivem em função delas. O que em uma perspectiva superficial assemelha-se a uma contradição, constitui, na verdade, uma dialética: o homem edifica a instituição e passa a ser dominado por ela (Duarte Júnior, 1984, p. 54).

Como a ordem e as regras dessas instituições têm uma longevidade na história, seus costumes e suas tradições são transmitidos de geração a geração a tal ponto que os indivíduos podem não perceber a estrutura social em que vivem e interagem de modo a se adequarem aos moldes das instituições sem questionar as motivações de sua existência. As mudanças sociais apenas ocorreriam quando, em um trabalho de compreensão das estruturas, empenha-se um esforço deliberado de transformação social por parte de grupos da sociedade civil.

A questão aqui posta é que o universo simbólico, afastando-se das práticas cotidianas, alcança “o nível mais alto da legitimação” Assim, “Os universos simbólicos (ou teorias)

são criados para legitimarem, num nível genérico, as instituições sociais já existentes, encontrando-lhes explicações e integrando-os num todo significativo" (Duarte Júnior, 1984, p. 51).

Este trabalho explora a ideia de que a dimensão simbólica do futebol como arte é que o legitima enquanto instituição. Nos anos 1970, apesar de se aprofundarem as discussões em relação à suposta dicotomia entre o futebol-arte e o futebol-força, é nesse período em que uma outra esfera da organização futebolística passa a amplificar o universo simbólico do futebol: o embrionário *marketing* esportivo.

A parceria entre João Havelange e Horst Dassler⁶, dono da marca alemã Adidas, em um processo que atualiza a mercantilização do futebol, alçaria, a partir do início da década de 1970, o esporte não apenas a sua representação emergente dos estádios e do jornalismo esportivo, mas também da publicidade. Esta, por meio de diversas semioses, reforçaria o imaginário em torno do esporte.

A violência na Suíça e a bola rolando 'dentro das quatro linhas'

Nesta parte do trabalho, propomos a análise dos textos escolhidos.

A reportagem e a palavra da especialista

No excerto transcrito a seguir, a reportagem do jornal *O Estado de São Paulo*, de 03 de maio de 2023, analisa o acontecimento em Berna, reproduzindo em discurso indireto à pergunta feita a uma pesquisadora, a respeito de uma suposta conduta irrepreensível de certos atletas.

A voz da pesquisadora, por sua vez, é introduzida por meio do discurso direto e instaurada como autoridade pelo veículo: Débora Diniz, nome próprio sobre o qual incide o aposto "professora da UnB (Universidade de Brasília) e pesquisadora visitante da Universidade Brown, em Rhode Island, nos Estados Unidos".

O esclarecimento do referente desse nome próprio no universo da cultura não apenas legitima por meio da linguagem um modo de dizer institucionalizado no campo midiático, como também confere sustentação ao viés adotado pela reportagem, cujo percurso segue na direção de culpabilização do técnico, em resposta a discursos que o absolvem ou amenizam a violência ocorrida na Suíça. O recurso de marcar com aspas a fala literal,

⁶ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk2210200005.htm>. Acesso em: 30 jun. 2023.

como forma de explicitar o discurso heterogêneo, também representa um modo midiático de dizer.

Questionada se as personalidades do esporte estariam deixando o status de “intocáveis”, ela foi além. “Não diria só no esporte. Isso está acontecendo na arte, na música, na vida acadêmica. Eles não são intocáveis. A intocabilidade de uma magia de determinado espaço não se estende para uma vida de existência fora da lei, de abuso sexual, de racismo. Essas atitudes estão sendo vistas.”⁷

O aspeamento da palavra “intocáveis” é um recurso metadiscursivo que introduz o “outro” na sequência discursiva, por meio do que Authier-Revuz (1990) denomina “heterogeneidade mostrada”. Segundo a autora, essa marca de heterogeneidade mostrada, por exemplo, por meio das aspas, inscreve o “exterior” no “interior” da enunciação. No exemplo, a partir desse exterior, é possível resgatar, no interdiscurso (Maingueneau, 2021, p. 31), a ideia de que tais atletas, por serem representantes da instituição “futebol”, são considerados inatingíveis pela crítica, segundo o discurso de uma dada formação discursiva a que o jornal se contrapõe.

Em relação ao posicionamento assumido pela professora na enunciação, essa intocabilidade associa-se a uma “magia” que emana de determinados espaços. No caso do futebol, o mágico, isto é, o “admirável”, “o que não tem explicação racional” materializa-se na memória discursiva de um dos polos, por meio do qual o futebol brasileiro se alicerçou no Brasil: o do futebol arte. É curioso notar que, ainda que esse futebol “mágico” tenha ganhado outros contornos pela necessidade de vencer equipes europeias que passaram a exibir um futebol tático e com atletas de capacidade física superior, é como arte que o futebol brasileiro se firma no campo simbólico e serve como base para justificar o seu caráter inatingível ou, neste caso, para desconstruí-lo.

Importa também observar que o questionamento do jornal incide sobre as “personalidades” do esporte. Na resposta da professora, ela se refere às personalidades por meio do pronome “eles”. Em seguida, há uma referência por meio da expressão nominal “determinado espaço”, que recupera a expressão nominal “personalidades do esporte”. Confundem-se, assim, na enunciação, pessoas (“eles”) e instituição (“determinado espaço”).

Dessa forma, ao analisar o termo “intocáveis” e o desenvolvimento textual a partir dele, o tratamento dado pela mídia à demissão de Cuca insere o *acontecimento* (Foucault, 2008, p. 27) em uma *série* (Foucault, 1997, p. 9) histórica que poderíamos supor assim formulável: o itinerário das soluções para comportamentos considerados impróprios no

7 Disponível em: <https://www.estadao.com.br/esportes/futebol/caso-cuca-no-corinthians-exibe-sociedade-em-transformacao-e-destaca-bandeira-da-igualdade-no-futebol/>. Acesso em: 20 maio 2023.

Brasil: a ação saneadora em favor do praticante, atribuída à intuição, ao engajamento emocional, à criatividade e ao mérito individual, como qualificações protetoras de sua invulnerabilidade sobretudo quando masculina. Uma "série" que fosse assim concebida poderia ser vista como (re)produtora de uma instituição como a do futebol arte.

O tuíte 'Respeita as minas': uma questão de memória

Figura 1. Print do tuíte da jogadora Tamires



Fonte: <https://twitter.com/tamires/status/1650283980015431680?s=20>. Acesso em: 20 maio 2023.

Na estreia de Cuca, como técnico do Corinthians, em jogo contra o Goiás, as jogadoras do time feminino do mesmo clube publicaram em suas redes sociais a mensagem reproduzida no tuíte acima. A postagem foi publicada no minuto 87 da partida, como referência indireta ao ano do estupro ocorrido em Berna.

Apenas o tuíte de Tamires, na data de acesso, já havia alcançado mais de 1,5 milhão de visualizações e 6 mil compartilhamentos. A postagem, além disso, foi incorporada à grande parte das publicações de imprensa sobre o caso. O impacto desse tuíte se justifica pelo fato de Tamires ser uma destacada jogadora de um time relevante que vem acumulando títulos nacionais e internacionais.

O movimento das jogadoras teve papel fundamental na demissão do técnico, intervenção que não teria sido possível à época do crime, considerando, entre outros dispositivos reguladores, que o futebol feminino fora proibido por 40 anos (1940-1979)⁸. Nesse sentido, a construção do perfil da jogadora no então Twitter por meio de uma mídia social só poderia receber legitimação neste momento histórico. O discurso veiculado por meio do tuíte, portanto, não sofre hoje uma “interdição”, que pode ser compreendida na perspectiva foucaultiana (Foucault, 1999, p. 7):

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa.

Dessa forma, a repercussão das críticas à contratação de Cuca insere-se em um contexto histórico em que os direitos femininos, bem como a atuação das mulheres no futebol ganharam imensa visibilidade, comparando-se à época do ocorrido. Assim a projeção do *acontecimento* se estrutura a partir de muitas esferas sociais, as quais se inter-relacionam na conjuntura.

Uma delas é organização política dos movimentos sociais feministas ou outros movimentos, cujas pautas demandam um câmbio na estrutura política e social. Outra esfera, que não está destacada das demandas sociais, é a do Direito Penal. A Lei Maria da Penha⁹, de 2006, por exemplo, foi considerada um marco no combate à violência doméstica. O fato de a lei ter o nome de uma mulher, cuja narrativa é a de que lutou durante anos para obter justiça, cumpre essa função alegórica, que tematiza a ideia da impunidade e convoca mulheres a denunciar os abusos sofridos.

Outra esfera é da sociedade de consumo, a qual, entranhada na organização política e econômica da sociedade, mira mulheres e, por meio da publicidade, comercializa a representação de uma sociedade mais igualitária e inclusiva, por meio de produtos direcionados a mulheres em toda sua diversidade.

8 Ver a respeito da proibição do futebol feminino em: <https://jacobin.com.br/2023/03/quando-o-futebol-feminino-foi-proibido-no-brasil/#:~:text=%E2%80%9C%C3%80s%20mulheres%20n%C3%A3o%20se%20permitir%C3%A1,durante%20d%C3%A9cadas%20restrito%20aos%20homens>. Acesso em: 1 jul. 2023.

9 A Lei Maria da Penha não apenas pune os agressores, mas também oferece uma rede de proteção às mulheres vítimas de violência, em várias frentes. Sua representação discursiva na sociedade possui, no entanto, considerável relevo no âmbito penal.

É importante destacar ainda que, nesse contexto em que os direitos de mulheres estão sendo amplamente debatidos, em 2018, o Corinthians criou uma campanha utilizando a hashtag #RespeitaAsMinas¹⁰ e, em 2019, como parte dessa campanha, o clube estreou, no “mês da mulher”, um programa¹¹ dedicado a temas de direitos femininos, em seu canal de televisão.

Neste primeiro momento, o exercício de análise incidirá sobre o seguinte enunciado do tuíte: “Respeita As Minas’ não é uma frase qualquer. É, acima de tudo, um estado de espírito e um compromisso compartilhado”. Note-se que “Respeita As Minas” é um *slogan* citado por meio de aspas no tuíte das jogadoras¹². As aspas são um recurso metadiscursivo (Maingueneau, 2007, p. 94) que marcam a presença da exterioridade na interioridade da linguagem, ao passo que explicitam um termo que acumula simultaneamente seu uso e sua menção. Na atividade de menção, esse sinal de pontuação constitui uma marca de *heterogeneidade mostrada* (Authier-Revuz, 1990), assinalando a presença da exterioridade sem que haja uma interrupção na continuidade discursiva.

O significado dessa citação é restabelecido por meio de uma glosa que recusa o sentido de “mera fraseologia”, portanto o protesto do tuíte deve se proteger de ser considerado inepto. Para isso, enfatiza que não é “uma frase qualquer”, é outra coisa: “um estado de espírito”, “um compromisso compartilhado”.

Um outro exame sobre a metadiscursividade, sob a ótica da *negação polêmica* (Maingueneau, 1997, p. 82), é a construção de um enunciador virtual alinhado à ideia sobre a qual incide a negação. Dessa forma, ao negar que o *slogan* seja uma frase ineficiente, projeta-se um enunciador, que pode ser o próprio leitor.

Em uma tentativa de projetar esse enunciador rejeitado, que pode ser o discurso de um grupo ou de um indivíduo, seria possível reconstituí-lo como o do próprio Cuca que, em entrevista coletiva¹³ de apresentação ao Corinthians, não se lembrava do nome da causa feminista defendida pelo clube. Um participante na plateia o auxiliou e ele repetiu “respeita as minas”, como se se corrigisse de um equívoco.

O não-dito, interpretado como memória discursiva, pode encontrar-se ainda no já dito em discursos que defendem que essas postagens na internet não produzem efeito na

10 “Respeita as Minas” é uma das bandeiras da agremiação em defesa da mulher.

11 Disponível em: <https://esporte.ig.com.br/futebol/2019-03-02/corinthians-estreia-programa-voltado-a-mulher.html>. Acesso em: 1 jul. 2023.

12 Referimo-nos a “jogadoras” no plural, porque o texto analisado foi tuitado pelo quadro completo, no minuto 87.

13 Disponível em: https://www.espn.com.br/video/clipe/_/id/11938127. Acesso em: 21 jun. 23.

sociedade. Houve uma série de publicações em mídias sociais nesse sentido, o de que *hashtags*, populares nas mídias sociais, como a do movimento #MeeToo, em 2017, não promovem transformações importantes.¹⁴

No enunciado do tuíte, após a negação a um enunciador virtual (“não é só uma frase”) estabelece-se por meio do marcador “acima de tudo” um mecanismo de *retificação* (Moeschler, 1982 *apud* Maingueneau, 1997, p. 82). Este se desdobra nas expressões nominais “um estado de espírito” e “um compromisso compartilhado”.

No enunciado: “Respeita as minas’ não é uma frase qualquer. É, acima de tudo, um estado de espírito e um compromisso compartilhado.”, a expressão “estado de espírito” apresenta um recurso de intertextualidade. No tuíte, trata-se de uma recriação e atualização da icônica frase do jogador corinthiano Sócrates: “O Corinthians não é só um time e uma torcida, é um estado de espírito”. Por meio desse recurso intertextual, estabelece-se uma relação com a exterioridade e, conforme discute Brandão (2022, p. 95), “o sujeito recorre a elementos elaborados alhures, os quais, intervindo sub-repticiamente, criam um efeito de evidência que suscitam a adesão de seu auditório”.

Ao recorrer à fala de Sócrates situada em outra conjuntura, o tuíte do minuto 87 reconstitui, ademais, a noção de “estado de espírito”, que não pode ser racionalizada e permanece no imaginário do sujeito que desloca e atualiza o texto do jogador. Permanece do futebol, portanto, a emoção, característica desse esporte que, embora seja hoje regido pelo mercado e, portanto, centrado na busca de resultados, ainda se define pelas contingências, pois o melhor time nem sempre ganha, ou, quem joga melhor ainda pode perder.

Ainda no enunciado: “Respeita as minas’ não é uma frase qualquer. É, acima de tudo, um estado de espírito e um compromisso compartilhado.”, a segunda expressão “um compromisso compartilhado” coordenada a “um estado de espírito”, evoca a *memória discursiva*, isto é, uma forma de permanência “não psicológica que é presumida pelo enunciado enquanto inscrito na história” (Maingueneau, 1997, p. 115) acerca do Corinthians como um clube, cuja proposta, para além do campo, teria um compromisso com as questões sociais.

Tal compromisso é frequentemente atravessado pela lembrança da “Democracia Corinthiana”¹⁵, movimento liderado por jogadores como Sócrates, Wladimir, Casagrande,

14 Conferir uma dessas publicações em: <https://www.dw.com/pt-br/opini%C3%A3o-hashtag-metoo-n%C3%A3o-basta/a-41014542>. Acesso em: 21 jun. 2023.

15 Conferir parte da história da Democracia Corinthiana em: https://www.meutimao.com.br/historia-do-corinthians/fatos-marcantes/democracia_corinthiana. Acesso em: 21 jun. 2023.

Biro-Biro, Zé-Maria e Zenon e que oficialmente durou entre 1982 e 1984. Na “Democracia”, conforme narra a história do clube, todas as decisões eram estabelecidas de modo horizontal e, pelo contexto global do tuíte, a contratação de Cuca diverge desse ideal que, afinal, permanece apenas no plano discursivo, porque as instituições futebolísticas funcionam com uma estrutura hierárquica e burocratizada.

A partir da rememoração da história da Democracia Corinthiana, vale examinar um enunciado do tuíte: “Ser Corinthians significa viver e lutar por direitos todos os dias”. Esse compromisso democrático é reafirmado por um novo recurso metadiscursivo, o de uma glosa introduzida pelo verbo “significar”: “Ser Corinthians significa X”. Importa observar que o adjetivo “corinthiano” dá lugar ao substantivo, na estrutura glosada “ser Corinthians”, isto é, explica-se o que é ser “Corinthians” e não o que é ser “corinthiano”, de modo que a instituição faz parte da condição de existência do torcedor. O enunciador tomando sua própria enunciação como se fosse um observador externo, explica o seu dizer, para se proteger de um discurso exterior – ser outro(s) possível(is): palmeirense, santista, são-paulino etc., mas, sobretudo, outro que pudesse desestabilizar o discurso sobre o engajamento do clube à luta cotidiana por direitos.

Num segundo e último momento da análise do tuíte, passa-se, por fim, ao estudo do seguinte enunciado: “Estar em um clube democrático significa que podemos usar a nossa voz, por vezes de forma pública, por vezes nos bastidores.” Uma vez mais, o enunciador, valendo-se da metadiscursividade, recorre a uma glosa, por meio do verbo “significar”, a fim de reafirmar o compromisso do clube com a democracia.

O enunciador representado pelo pronome possessivo de primeira pessoa “nossa”, na expressão “nossa voz”, encontra-se em um lugar que não é acessível a todos, porque pode se manifestar até nos bastidores. O “nossa” exclui, portanto, o enunciatário, de modo a conferir mais poder à voz das jogadoras representada no tuíte em relação à torcida corinthiana. A democracia corinthiana “deixa escapar” que não há, de fato, uma horizontalidade nas decisões entre os que “são Corinthians”, ao menos no campo burocrático.

Quanto à análise global do tuíte, encontra-se a frágil democracia corinthiana, isto é, a enunciação não apaga totalmente o que tenta reprimir. Além disso, tanto pela heterogeneidade mostrada marcada (“Respeita as Minas”), quanto pela heterogeneidade mostrada não marcada (“estado de espírito”; “compromisso compartilhado”; duas formas de retomada do *discursivo prévio* (Pêcheux, 2014, p. 85)) na enunciação fica sugerida a ilusão de que seu dizer está protegido. A ilusão dessa blindagem ocorre, porque, ao negar o outro, a enunciação lhe dá um espaço em sua própria constituição.

O *podcast*: “depois do crime e digo o crime numa boa”

Outra forma de comentar o próprio dizer ocorre no fragmento do episódio de Podcast do G1 “O assunto”. O programa é comandado por Natuza Nery, jornalista e comentarista de política na Globo News e na CBN. A sinopse do *podcast* propõe discutir os assuntos “com profundidade” e com o suporte de jornalistas e analistas do Grupo Globo. O texto de apresentação do *podcast* propõe ainda “contextualizar, explicar e trazer um ângulo diferente dos assuntos mais relevantes do Brasil e do mundo.”

No dia 28 de abril de 2023, o assunto mais relevante do dia foi a condenação por estupro do treinador Cuca e sua demissão do Corinthians, por pressão da imprensa e de parte da torcida do clube. O título do *podcast* é “O caso Cuca e a violência de gênero no futebol”. A fala abaixo transcrita é uma resposta de André Rizek, jornalista esportivo brasileiro da Sport TV, estação televisiva de conteúdo esportivo.

Eles são condenados em 89 né... dois anos depois do crime e digo crime numa boa porque a justiça suíça já... tratou de tirar essa dúvida né... foi um crime que aconteceu no quarto 204 do hotel Metropole em Berna... na cidade da Suíça...é:: eles foram julga/eles foram condenados dois anos depois em 89, né... (7:20-7:41)¹⁶

No episódio, antes do comentário acima transcrito, a âncora do programa Natuza Nery pergunta a Rizek sobre a trajetória do treinador, e o jornalista responde que o Cuca é um dos principais treinadores em atividade. Além disso, segundo Rizek, Cuca é um técnico vitorioso e competente, cuja qualidade como profissional não se discute. Novamente, ainda que o caso discutido seja de estupro, há a menção do que seria inabalável em relação ao protagonista do assunto: sua carreira futebolística. Em seguida, a âncora inicia a narração sobre o retorno dos jogadores da Suíça, ainda suspeitos do crime, à época.

O enquadramento dado à violência ocorrida em Berna passa, portanto, pela linguagem midiática que eleva o tema à ordem do dia, com explicações “com profundidade” amparadas pela voz do especialista, cuja linguagem necessariamente passa pelo futebol, ainda que seja para falar de estupro. Outra questão é que, não obstante seja para discordar de vozes que aparecem no mesmo *podcast*, como a de uma entrevistada da época que responsabiliza a vítima por “ir atrás” de jogador de futebol¹⁷, a representação simbólica do esporte mais popular do mundo não se descola do tratamento dado ao caso pelos meios de comunicação.

16 Disponível em: <https://meshfor.com/2ot50ig3>. Acesso em: 29 jun. 23.

17 Depoimento da garota entrevistada: “Com tanta mulher assim que só por eles serem jogadores né... vão assim atrás... vão correndo atrás dos jogadores... eu acho que eles não fariam isso” (1:12-1:21)

Em “depois do crime e digo crime numa boa porque a justiça suíça já... tratou de tirar essa dúvida”, o enunciador interrompe a linearidade de seu enunciado para comentar o nome “crime”, fazendo menção ao próprio dizer: “digo crime” e modalizando-o com a expressão: “numa boa”, isto é, com confiança, porque o termo selecionado é compatível com a definição de verdade acerca do que seja crime naquele país.

No caso do ocorrido no quarto de hotel em Berna, houve evidências da participação do técnico, porque o processo judicial confirmou que havia sêmen de Cuca no corpo de Sandra. As investigações levaram a justiça a chegar a um veredito: houve um crime de estupro contra a garota.

Nesse contexto, o locutor não desrespeita as quatro linhas da instituição, na qual se insere o seu dizer. A imprensa, em seus manuais, afirma frequentemente seu compromisso com a verdade. Dessa forma, o desdobramento da metadiscursividade é uma avaliação de verdade sobre sua própria enunciação, conforme a afirmação de que “a justiça suíça já... tratou de tirar essa dúvida”, condenando os quatro rapazes dois anos depois. O enunciador, portanto, em conformidade com a descrição de Authier-Revuz (1998, p. 62), promove o estabelecimento “consensual da relação palavra-coisa”. A metadiscursividade que incide sobre “crime” sugere que há uma compatibilidade entre o mundo e sua representação no discurso jornalístico.

Assim, independentemente de Rizek ser um jornalista esportivo, a linguagem sobretudo verbal é, no *podcast*, o modo de dizer privilegiado, cuja materialidade se inscreve em particularidades dos modos de enunciação das instituições do jornalismo e do futebol, no caso, a metadiscursividade é essa particularidade que materializa um modo de dizer, jogando dentro das quatro linhas das instituições.

Por fim, na metaenunciação “crime numa boa”, reaparece a oposição entre dois discursos em disputa: a) aquele que considera como consentido o estupro ocorrido no quarto do hotel em Berna; e b) aquele que considera, como o faz a justiça suíça que condenou todos os envolvidos. Na formulação do jornalista, “numa boa” é uma modalização que indica que a justiça suíça o autoriza a chamar o abuso de “crime”.

Considerações finais

O chamado caso “Cuca” foi um desses cometas que passam e ganham logo o esquecimento. No entanto, nos movimentos metadiscursivos de uma reportagem, de um tuíte e de um *podcast* sobre esse caso ruidoso, constatamos que, mesmo em sua efemeridade, ele permite um mergulho na história de constituição do futebol como uma instituição nacional.

O tratamento dado pela mídia à demissão do treinador Cuca não tem como ponto de partida o seu desligamento do clube, nem, tampouco, a violência ocorrida em Berna. O exame das expressões metadiscursivas evoca a memória discursiva que estabelece relações entre um acontecimento do presente (o caso da passagem relâmpago de Cuca pelo Corinthians para o qual havia sido recém-contratado) e outros que, de fora desse evento particular, estão – de modo mostrado marcado ou mostrado não marcado – internamente presentificados nos textos. Os resultados dão indicações de que entre os polos do futebol-força e do futebol-arte, este, como edificante da representação simbólica da instituição futebol, “regula” os modos de dizer que se materializam em enunciados que comentam a si mesmos, não só amparados por essa simbologia articulada ao texto jornalístico, mas também por um já-dito localizado em várias esferas da sociedade.

Referências

AUTHIER-REVUZ, J. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas: UNICAMP, 1998.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas: UNICAMP, n. 19, p. 25-42, jul./dez. 1990.

COURTINE, J.-J. *Análise do Discurso Político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. 1. ed. São Carlos: EDUFSCar, 2009.

DUARTE JÚNIOR, J. F. *O que é realidade?* 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

GADET, F.; HAK, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 1997.

GIL, G. P. O drama do “Futebol-Arte”: o debate sobre a seleção nos anos 70. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 9, n. 25, p. 100-109, 1994.

LOPES, J. S. L. A vitória do futebol que incorporou a pelada. *Revista USP – Dossiê Futebol*, São Paulo, n. 22, 1994.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. Campinas: Pontes, 1997.

MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2021.

NEGREIROS, P. L. Copa de 1938: rádio, festas nas ruas, cinema: torcendo pelos bravos legionários. *Ludopédio*, São Paulo, v. 102, n. 6, 2017.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso. *In*: GADET, F.; HAK, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

SILVEIRA, J. G. da. *Dicionário de expressões populares da língua portuguesa*. 1. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

WISNIK, J. M. *Veneno remédio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. Edição do Kindle.